

# LEGADOS E TROCAS CULTURAIS NA AMAZÔNIA BRASILEIRA. PRÁTICAS CULTURAIS DE MIGRANTES NORDESTINOS SOB O IMPACTO DAS POLÍTICAS GOVERNAMENTAIS QUE ESTIMULAM OS DESLOCAMENTOS MIGRATÓRIOS, ENTRE OS ANOS DE 1970 E 1985.

**Thais Barbosa de Siqueira Cavalcanti<sup>1</sup>; Regina Beatriz Guimarães Neto<sup>2</sup>**

<sup>1</sup>Estudante do Curso de História - CFCH - UFPE; E-mail: thais\_barbosa95@hotmail.com,

<sup>2</sup>Docente/pesquisador do Depto de História – CFCH – UFPE; E-mail: reginabeatrizg@gmail.com

**Sumário:** O presente projeto analisa os legados deixados pelos nordestinos na Amazônia Legal, no período de 1970 a 1985. Neste período houve uma intensa migração para o Norte do país, incentivada pelas políticas governamentais que visavam a integração da Amazônia aos centros produtivos do Brasil. Para a elaboração desta pesquisa, além do estudo das questões sociais, políticas, econômicas e ambientais que envolvem o território amazônico, usou-se também de entrevistas com moradores de algumas das cidades, surgidas devido aos projetos de colonização, pesquisas em cordéis escritos por nordestinos referentes à Amazônia e ao Nordeste e a documentação da Prelazia de São Félix do Araguaia/ MT, contendo diversos contratos, denúncias, intimações, entre outras fontes. Sendo possível através das análises perceber os motivos que levavam as pessoas a migrar, o que elas enfrentavam na jornada e nos locais de trabalho, e como conseguiam preservar suas tradições, mesmo com as adversidades presentes nas novas terras.

**Palavras-chave:** Amazônia legal; cultura nordestina; migração nordestina;

## INTRODUÇÃO

Com o lema "integrar para não entregar", o Plano de Integração Nacional (PIN) criado em 1970, tinha como objetivo incorporar as terras amazônicas aos centros produtivos brasileiros. Os grandes projetos governamentais, seguindo os modelos desenvolvimentistas, característicos do período do "Milagre Econômico Brasileiro", trouxe como uma das consequências a expulsão de grupos indígenas, ribeirinhos, castanheiros, entre outros, que já moravam na região, à vista disso, o discurso governamental de que as terras sem homem do Norte seriam a solução para os homens sem terra do Nordeste é falacioso, porque essas terras já eram habitadas, e quando os primeiros migrantes chegaram houve intensos conflitos com os "povos da floresta".

Foi preciso uma intensa leitura sobre o tema, com foco nas décadas de 1970 e 1980, para a compreensão da situação amazônica, que abrange diversas problemáticas, e sem esse conhecimento, analisar a documentação utilizada não teria sentido, uma vez que as fontes necessitam que quem as procura saiba fazer os questionamentos certos para que sejam úteis. Procurou-se nesta pesquisa respostas aos questionamentos sobre a presença nordestina na Amazônia, devido à migração, além de buscar apreender as razões que levaram essas pessoas a abandonar suas terras e como conseguiram preservar sua cultura e intercambiar com outras, diante da exploração e exclusão que sofriam.

## MATERIAIS E MÉTODOS

Para a resolução desta pesquisa, foram feitas diversas leituras não só sobre o tema, como também sobre a forma como a documentação utilizada deve ser analisada. Utilizou-se

entrevistas feitas com moradores das novas áreas, onde relatam a vida em suas cidades, as expectativas em relação à Amazônia, e ao ver que o que haviam imaginado não condizia com a realidade, a decepção era inevitável. Durante o processo de análise levou-se em consideração que cada depoente possui sua própria percepção das cidades, e o que contam baseado em sua memórias são fatos marcantes, e por isso muitas vezes a importância que dão ao fato pode não despertar o interesse do receptor<sup>1</sup>. Dessa forma, fez-se necessário o estudo das fontes orais e a metodologia usada, reflexões presentes em textos como os de Montenegro (2005) e de Guimarães Neto (2012). Além de escritos como os de Guillen (2002) sobre a literatura de cordel, importante expressão literária nordestina que conta diversas histórias que puderam ser utilizadas neste projeto.

Também fez-se uso da documentação da Prelazia de São Félix do Araguaia, que contém diversas denúncias, contratos, abaixo-assinados, declarações, cadernos de dívidas, entre outras documentação que auxiliaram na construção do perfil dos trabalhadores e do trabalho que realizavam, onde sua vulnerabilidade era grande. Os arquivos da Prelazia contaram com o trabalho de pesquisa feito por Guimarães Neto (2014) que os utilizou como fonte documental, assim sendo, o texto colaborou com o estudo desses documentos.

## RESULTADOS

O grande contingente de nordestinos na Amazônia Legal deve-se não somente à migração no período da Ditadura Militar, mas também à primeira grande onda migratória ocorrida entre os anos de 1870 e 1920, período do primeiro Ciclo da Borracha. Esta primeira onda foi responsável pela chegada do Boi-Bumbá e do cordel, tendo o primeiro sofrido ressignificações para que a festa possuísse elementos que representassem o Norte, com cenas do cotidiano do caboclo e do indígena.

Muitos migrantes nordestinos e sulistas ainda moram no Norte, e em Estados como Roraima e Pará verifica-se uma população majoritariamente formada por nordestinos e seus descendentes. A permanência devia-se à facilidade na adaptação, como foi relatado pelo ex-vereador de Boa Vista, Antônio Francisco Bezerra Marques que conta sobre sua família que havia vendido tudo em Fortaleza e que teve uma rápida adaptação em Roraima, ou por não acharem lugar melhor, como conta Dona Cleusa ao dizer que "muitas pessoas se decepcionavam e iam embora; de repente voltavam novamente, que não achavam outro lugar melhor, tornavam a voltar"<sup>2</sup>.

Com os relatos e os arquivos da Prelazia de São Félix, pode-se analisar: as dificuldades passadas pelos trabalhadores em suas cidades, na viagem e nas novas terras; a falta de assistência por parte dos patrões e das autoridades locais; a forma como prendiam estes trabalhadores às fazendas( por meio de ameaças e dívidas contraídas na viagem e na compra de produtos vendidos a altos preços); o grau de instrução dos trabalhadores; a quantidade de comida que compravam, sendo possível saber se estavam sós ou com a família; e a partir destes e outras informações, foi possível inferir sobre a situação nordestina no local.

## DISCUSSÃO

---

<sup>1</sup> RICOEUR, Paul. A memória, a história e o esquecimento. Trad. Alain François et al. São Paulo. Ed. da UNICAMP, 2007.

<sup>2</sup> Apud Martini, Ângela Maria. Cotidiano e identidade cultural em Vila Rica - MT - Uma "cidade de colonização recente". Monografia (Especialização) - Curso de História, Universidade do Estado de Mato Grosso, Luciara, 2002, p. 24.

A análise documental deixou evidente que o maior motivo pela escolha da migração foi o desejo de manter a família unida. A seca, a fome, a falta de terra e de emprego dificultavam a vida da família sertaneja e que se permanecesse no Nordeste morreria, por isso a viagem ao Norte seria a solução para que a união familiar fosse preservada.

Todavia, a Amazônia não sempre foi para eles a melhor opção. Não se tinha a assistência que fora prometida, o trabalho era pesado e mal pago, trabalhavam muito e ganhavam pouco, quando ganhavam, pois muitos recebiam apenas vales, sendo obrigados a revendê-los a preços mais baixos. Como no começo, as cidades não possuíam necessidades básicas como água e eletricidade, os sulistas, que também chegaram no mesmo período, questionaram junto com os nordestinos se estes também teriam tido a mesma percepção, pois já conheciam a falta de água e a precariedade comum ao sertão, onde dificilmente possuía rede elétrica, escolas e postos de saúde.

Pela origem variada dos trabalhadores, percebeu-se o estranhamento que se tinha quanto à culinária e a linguagem dos “outros”, gerando discriminação, sentida tanto pelos nordestinos e nortistas e pelos sulistas. Em um dos documentos analisados, um trabalhador pede ao juiz que interfira na fazenda que trabalha, pois enquanto que o patrão oferecia regalias aos que vinham do Sul, aos outros trabalhadores só lhes restavam o trabalho. E devido a essas atitudes segregacionistas os laços criados entre conterrâneos eram mais fortes, mesmo que não fossem do mesmo Estado, as adversidades comuns que enfrentavam faziam com que o sentimento de cumplicidade fosse presente.

Uma informação notada na documentação é a respeito a quem a ajuda era pedida. Vê-se denúncias e declarações feitas à padres, à juízes, à polícia federal, mas poucas direcionadas às autoridades locais, pois os trabalhadores sabiam que estas por estarem envolvidas no sistema colonizador, trabalhavam em favor dos patrões. O que se tem são relatos de abusos por parte da polícia local.

As violências sofridas pelos migrantes eram várias, e a maneira como encontraram para se autopreservarem não foi através de confrontos, mas sim da busca da libertação das imposições, construindo laços sociais em seu próprio território. Porém o território não deve ser confundido com espaço ou lugar, pois está ligado a ideia de relações de poder. Sendo importante saber que o poder é algo coletivo. Uma pessoa possui poder quando este lhe é dado por um certo número de pessoas, quando estas pessoas não aceitam mais sua liderança o poder é perdido. O território funciona como uma rede de relações sociais, criadas como meio de proteção dentro de um local estranho e excludente. E é por esse conceito que se compreende como foi possível preservar tradições como a celebração do dia do santo padroeiro do Ceará, São José, além de nomes de estabelecimentos comerciais, nomes de bairros, grupos folclóricos e nomes de pessoas.

## CONCLUSÕES

Conclui-se que a presença nordestina na Amazônia Legal é mais forte do que se pensa, levando em consideração o contingente populacional de Roraima e do Pará, constituídos em sua maioria por pessoas originárias do Nordeste. Devido ao número de pessoas que migraram para o Norte, os nordestinos que para lá se deslocaram influenciaram e intercambiaram com as culturas nortistas, por isso essa pesquisa ao mostrar a existência de legados nordestinos na vida dos grupos sociais na Amazônia, ajudou na compreensão do poder que as interações sociais possuem, sendo capazes de deixar legados permanentes.

Todavia, essa pesquisa não pode ser considerada findada, pois a cultura nordestina é muito rica e a presença desta na Amazônia é perceptível em diversos âmbitos como o linguístico, o culinário, nos festejos. Dessa forma, recomenda-se que se façam mais pesquisas a respeito desse tema, pois as fontes sempre precisarão ser interpretadas e reinterpretadas para que sejam usufruídas ao máximo.

### **AGRADECIMENTOS**

Agradeço ao CNPq e a UFPE pela oportunidade de realizar esta pesquisa; à minha orientadora Regina Beatriz, por ter me ajudado na construção deste projeto e por ter me guiado nos momentos difíceis deste; e aos meus pais e à minha madrinha pelos incentivos tão necessários.

### **REFERÊNCIAS**

GUILLEN, Isabel Cristina Martins. Cantadores das viagens, a literatura de cordel e a experiência da migração nordestina para a Amazônia. In: Actas do VI Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais. Ed. Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2002, p. 229 – 232.

GUIMARÃES NETO, Regina Beatriz. Historiografia, diversidade e história oral: questões metodológicas. In: LAVERDI, Robson et al (Org.). História oral, desigualdades e diferenças, Recife: Ed. Universitária/UFPE; Ed. UFSC, 2012. p. 15-37.

GUIMARÃES NETO, Regina Beatriz. História, trabalho e memória política. Trabalhadores rurais, conflito social e medo na Amazônia. In: Revista Mundos do Trabalho, vol.6, n.11, janeiro -junho de 2014, p. 129 - 146.

MONTENEGRO, Antônio Torres. Oralidad, memoria e historia: Cuestiones metodológicas. In: Voces Recobradas, v. 20, p. 32-45, 2005.

RICOEUR, Paul. A memória, a história e o esquecimento. Trad. Alain François et al. São Paulo. Ed. da UNICAMP, 2007.